Crônica da Cidade

VICENTE SÁ | *vicentesabrasilia@gmail.com*

Quem conta um conto, aumenta um ponto

Ouvir ou ler histórias é uma das atividades lúdicas que eu mais curto, além de contá-las também. E sei que quase todos somos assim. Puxo este assunto porque estou relendo As mil e umas noites e me encantando novamente. Chego a ouvir a voz límpida de Sherazade a conduzir sua irmã e o sultão por lugares e aventuras mágicas nas madrugadas daquele reino. E quando fecho o livro tenho que respirar fundo para voltar da meninice em que estava caminhando.

Acho que uma história bem contada desarma os espíritos e nos irmana. Vivemos, afinal, as aventuras daquele outro ser que o contador ou a contadora nos apresenta e a empatia é o lado mais humano do ser humano.

Ouvir ou ler uma história é viver uma outra vida, ser de outro jeito, em outro mundo que desconhecemos. Isso creio que vale também pros filmes, teatro, algumas músicas e outras formas de arte que carreguem histórias dentro de si.

Era uma vez um amigo meu, naqueles tempos antigos do colégio Elefante Branco, que não queria ouvir histórias, nem ler. Achava e nos repetia que era coisa de menor importância e o que o mundo precisava era de mais trabalho e menos gente sem fazer nada, ouvindo outro que também não tem o que fazer a contar delírios.

Quis o destino que seu pai, comerciante austero e rude, o deixasse ainda adolescente por conta de um infarto. O pai de Antônio, este era o nome do meu amigo adolescente, não gostava de histórias e havia passado essa ojeriza ao filho.

Mas no seu velório, onde compareceu a turma toda do colégio, um tio de Antônio contou várias histórias da juventude do irmão e como ele era diferente, mais alegre e mais divertido quando novo.

Meu colega se encantou em conhecer uma faceta do pai que nunca tomara conhecimento e sabendo disso através da contação de histórias passou a gostar de ouvi-las. E assim, a vida que sempre nos conduz para onde quer, levou Antônio a trilhar a sinuosa estrada dos amantes de história. Depois de muito ouvir, passou a também contar, tornou-se exímio narrador e hoje dá aulas e palestras sobre a arte de se comunicar por meio deste ofício.

Sempre que o reencontro, Antônio brinca comigo dizendo que eu, como poeta e cronista, sou também um contador de história, e é vero. O que estou fazendo agora? Contando um causo, uma história.

E como toda história tem começo, meio e fim, esta está chegando ao final e eu até posso recorrer a um daqueles encerramentos mágicos que os antigos usavam:

— Entrou pelo bico do pinto, saiu no bico do pato.

Se gostou da história, então conte mais quatro.

Ou aquela que eu mais gosto:

— No fim teve uma festa com muita bebida e muita comida gostosa. Eu até estava trazendo um prato de doces para vocês, mas levei um encontrão e os doces caíram no chão. Na próxima vez terei mais cuidado.

E assim chegamos ao fim, diz o guaxinim. É isso aí, grita o quati.

VIOLÊNCIA / Preso em flagrante, o homem confessou que agrediu filho no dia do crime. A criança, de 2 anos, teve hemorragia e lesão no pâncreas que evoluiu para choque hipovolêmico, além de ferimentos nos olhos

Menino é morto pelo próprio pai

» LAEZIA BEZERRA
» PABLO GIOVANNI

A Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) indiciou Wagner Pereira da Silva, de 37 anos, por homicídio triplamente qualificado pela morte do filho. Perícia realizada pela polícia apontou que o menino Cássio da Silva Pereira, de 2 anos, encontrado morto dentro de uma quitinete no Paranoá, na terça-feira, teve hemorragia e rompimento do pâncreas, seguida de choque hipovolêmico (situação de emergência decorrente da perda de grande quantidade de líquidos e sangue) em decorrência de agressões no abdômen causadas pelo próprio pai.

A mãe da criança, Patrícia Viriato da Silva, 25 anos, prestou depoimento e foi liberada, mas a investigação prossegue. A polícia quer entender se houve participação dela no homicídio, embora no momento não existam indícios de que tenha sido cúmplice do crime.

Segundo informações preliminares, o menino apresentava ainda dois ferimentos na região dos olhos, além de várias marcas de violência pelo corpo. O **Correio** antecipou a identidade de Wagner Pereira, que foi preso após confessar o crime na delegacia. A criança morava com os pais na quadra 17, do conjunto B no Paranoá. O Corpo de Bombeiros Militar do DF (CBMDF) foi acionado e, quando chegou no local, constatou o óbito. De acordo com relatos de uma vizinha da criança, ela ouvia constantemente o menino chorar muito, gritar pedindo ajuda e socorro em situações em que aparentava estar sofrendo algum tipo de agressão.

> **Ele confessou, durante a oitiva, que agrediu a criança naquele dia e em outras ocasiões, mas em nenhum momento demonstrou qualquer tipo de sentimento — nem arrependimento, nem remorso."**
>
> ***Bruno Carvalho,*** *delegado da 6ª DP (Paranoá)*

De acordo com o delegado adjunto da 6ª Delegacia de Polícia (Paranoá), Bruno Cunha Carvalho, a perícia identificou a existência de múltiplas lesões decorrentes no corpo da criança. A mãe do menino, Patrícia, está grávida de oito meses e afirmou aos investigadores que tanto ela, quanto o filho morto, sofriam agressões constantes por parte de Wagner.

Agressão

A mulher disse aos investigadores que o marido agredia o filho porque tinha problemas psicológicos. Também revelou que ele tinha a intenção de punir alguma eventual desobediência do menino, mas ela o impedia. Porém, reiterou aos delegados que tinha medo de Wagner, porque queria manter o casamento. Patrícia chegou a registrar um boletim de ocorrência, com base na Lei Maria da Penha — apesar disso, retirou a queixa logo em seguida.

Arquivo Pessoal

Wagner Silva foi indiciado por homicídio triplamente qualificado

Conforme Patrícia destacou, no dia crime ela saiu de casa, por volta das 6h, e foi até a Universidade de Brasília (UnB), onde cursa ciências sociais. Relatou também que deixou o filho bem, mas por volta de 7h30, recebeu mensagem de texto do marido informando que a criança passava mal. Ao retornar de imediato para casa, percebeu que o garoto estava morto e acionou o Corpo de Bombeiros.

Oitiva

O delegado disse que o pai confessou, durante oitiva, que agrediu a criança em outras ocasiões. Naquele dia, ele contou aos investigadores que bateu no filho com tapas no rosto e na região do abdômen. De acordo com o delegado, Wagner não demonstrou nenhum tipo de reação na hora do interrogatório, nem qualquer tipo de sentimento.

"É uma pessoa que não apresenta qualquer sinal de arrependimento ou remorso. Confirmou que agrediu o filho na noite anterior. Diante das declarações, ele foi indiciado por homicídio qualificado, tortura, motivo fútil e redução da capacidade de resistência da vítima e está a disposição da Justiça. Se condenado, pode pegar uma pena de 12 a 30 anos de prisão", afirmou.

"Seguimos com as investigações para apurar se a mãe tem participação no ocorrido, ainda que de forma omissiva, e só então poderemos falar em indiciamento. No momento não há argumento ou prova para fazermos um flagrante contra ela", pontuou o adjunto da 6ª DP. Wagner passará por audiência de custódia hoje.

»Podcast| ASSIS ROCHA | BRASILEIRO REPATRIADO DE ISRAEL

"Não se pode compactuar com o terror"

» *JOÃO CARLOS SILVA

O administrador de empresas Assis Rocha, que participou do Podcast do **Correio** *de ontem, foi um dos brasileiros que retornaram de Tel Aviv, em Israel, no primeiro avião da Força Aérea Brasileira (FAB) enviado para recolher repatriados, logo após o acirramento do conflito entre Israel e Palestina. Ele é o responsável, no Distrito Federal, pelas peregrinações da instituição católica Obras de Maria, que organiza viagens de fiéis a pontos religiosos distintos. Em entrevista aos jornalistas Adriana Bernardes e Lucas Mobile, Rocha contou que viu de perto a mais recente retomada dos bombardeios. Destacou que embora entenda a causa palestina por um território, "não é possível compactuar com o terror".*

Correio Braziliense

O que é exatamente a instituição católica Obras de Maria? O que vocês fazem?

É uma comunidade católica de leigos. Foi fundada por um leigo chamado Gilberto, em Recife (PE). No início, ele pretendia juntar alguns jovens para evangelizar, a partir de uma experiência pessoal que teve com Deus. Reuniu jovens na periferia, foram morar juntos com esse intuito de evangelizar de todas as formas, com alegria. A partir desse trabalho ele começou a solidarizar-se com os pobres e com as realidades difíceis. A Obras de Maria foi abraçando essas causas. Nosso fundador conseguia se relacionar muito bem com as pessoas e levava muita gente para viajar para Aparecida (SP) e para a comunidade de Canção Nova, em Cachoeira Paulista (SP). Até que surgiu a oportunidade de expandir as viagens para Fátima, em Portugal, e para Roma, na Itália. Não se trata apenas de uma empresa de turismo, mas uma missão. As viagens são realizadas com o intuito de levar as pessoas aos lugares religiosos.

O senhor estava em Israel quando a guerra começou e voltou ao Brasil no primeiro avião da FAB. Pode falar a respeito dessa experiência?

Nossa viagem durou 12 dias. Sempre as viagens iniciam na parte da Galileia, no norte de Israel. Quando estávamos descendo para Jerusalém o guia me falou que houve um ataque e que não sabia o que iria acontecer. Fomos para Jerusalém. Quando chegamos lá, nos acomodaram e nos deram umas instruções de segurança. O Ministério de Turismo pediu a todos para não sair do hotel e nos deu orientação sobre o que fazer, caso o alarme soasse na cidade. No início fica aquela apreensão, mas o grupo não viu nada. O que tivemos foram dois alarmes e ficamos numa sala, no subsolo do hotel, onde celebramos uma missa.

O senhor disse que já foi quase 50 vezes a Israel. O clima é sempre de tensão?

Conhecer Israel é uma experiência fantástica para nós que temos fé. A gente sabe das tensões, mas sempre é uma coisa muito regionalizada, muito fechada ali em Gaza e em áreas onde eles têm interesse em destruição. A gente sabe que existe um conflito, que não há paz. Aquela causa humanitária, aquela causa que a Palestina carrega é uma coisa que põe essa rixa eterna entre eles, que não vai terminar tão cedo, mesmo que se mate todos do hamas. A causa palestina é muito maior do que isso. Não aprovamos esse terrorismo todo, mas a causa do povo, daquelas pessoas que estão ali lutando pelo direito ao seu espaço também tem que ser objeto de reflexão.

Aponte a câmera do celular para o QR Code e confira o Podcast

O que o senhor pode contar sobre a origem dessa guerra?

O que a gente entende numa visão bem brusca é que ali era uma região dominada pela Palestina, tudo era Palestina. Os judeus foram embora e, depois, voltaram. Foi definida, pela ONU, uma divisão de Estado, mas essa divisão não foi respeitada por Israel e se criou a causa palestina, que é a luta dos palestinos pelo seu território. Em meio a esse conflito entram os grupos extremistas, entram os terroristas e aí vem uma forma errada de reivindicar. Há muitos árabes que vivem em Israel, mas eles carregam dentro de si a causa palestina, porque é do seu povo, da sua raça, da sua etnia. Então, a causa para eles é muito mais forte do que a cidadania, eles sempre vão lutar por isso. A causa palestina é algo com que todos nós temos que nos preocupar, porque os palestinos são as pessoas mais pobres e mais simples que existem. Mas, claro, nunca vamos apoiar o terror. Eu jamais apoiaria um grupo extremista ou o terrorismo.

*** Estagiário sob a supervisão de Hylda Cavalcanti**